

ISENBURG, Teresa. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial: uma página de Relações Internacionais*. São Paulo: 22 Editorial, 2015.

Por Paulo Ribeiro da Cunha¹

Controvérsias à parte, 2015² não deixa de ser um ano inusitado, talvez mais por um acontecimento que deveria trazer muitas reflexões no Brasil, afinal, passaram-se 70 anos do término da II Guerra Mundial, o maior conflito do século XX. A data não passou totalmente em branco, mas nem existiu no cotidiano da maioria da população; e para os mais jovens, um acontecimento ainda distante, em que pese, não tão distante no tempo. Nele, temos uma das mais belas páginas de nossa história, cuja participação brasileira no conflito é pouco valorizada; alias, pouco debatida nas escolas, quiçá, seja conhecida pelas novas gerações. Portanto, uma reflexão é mais que necessária, não somente para avaliar suas conseqüências à contemporaneidade; mas também o resgate e quiçá, o reconhecimento dos '*Pracinhas da Feb*' nos campos de batalha italianos. Esse é um ponto importante a ser resgatado criticamente neste diálogo, embora um tema nem sempre afeito a motivações.

Afinal, guerras refletem rupturas políticas e sociais de várias ordens, nada isenta de sofrimentos e mortes. Contraditoriamente, a guerra também confere grandeza. Não faz muito tempo, e me lembro como hoje das conversas que tive com um combatente brasileiro do Grupo de caça 'Senta Pua', o Brigadeiro Rui Moreira Lima, recentemente falecido. Recorrente era sua condenação à guerra, sobretudo, pelo que viu na Itália nos anos 1944 e 45, especialmente o sofrimento da população civil e a quebra das mais elementares relações de sociabilidade; porém se orgulhava de dizer que lutara a boa guerra, lutou do lado certo, fez o bom combate. Ele não estava sozinho, junta-se a eles, talvez poucas centenas, ou nem isso, umas dezenas de febianos ainda vivos que procuram dignificar essa memória, muitos na expectativa de um efetivo reconhecimento. Mesmo que tenha sido uma gota d'água no

¹ Professor de Teoria Política da Unesp - Campus de Marília. É autor, entre outros trabalhos, de *Militares e Militância: uma relação dialeticamente conflituosa*: São Paulo: Editora Unesp/Fapesp, 2014.

² Nota dos editores: o prazo para publicação de Resenhas é de até três anos após sua edição.

oceano, a presença do Brasil na guerra, como se desprende do relato de um ex, febiano, o General Octávio Costa³, foi digna e valiosa, nada que não esteja afeita à críticas, mas cujo saldo foi positivo para o país em várias dimensões, muitas delas, à espera de um resgate histórico.

Nesse sentido, temos um alento, já que podemos contabilizar uma nova reflexão sobre o conflito, ainda pouco conhecida fora das universidades e especialistas, incorporando recentes pesquisas e estudos sobre a intervenção do Brasil na 2ª Guerra, a realização de eventos acadêmicos, documentários e filmes, além edições de livros novos sobre o tema, entre outras reedições. Destaca-se entre as edições, a contribuição de Francisco Ferraz e Vagner Camilo⁴; e soma-se ao debate, reedições memorialísticas de combatentes, e está disponível uma coletânea de relatos publicada pela Bibliex, - Biblioteca do Exército Editora⁵. Inegavelmente, estas últimas são contribuições importantes, que nos auxiliam ao entendimento de uma intervenção da Feb enquanto um sujeito coletivo, em que pese, a maioria dos textos visualize mais os oficiais que os pracinhas. Por fim, temos reedições dispensáveis de qualquer valor como o livro '*Duas Faces da Glória*' de Waack. Este último, merece um reparo.

Ao que parece, o Brasil não é personagem de seus livros, e além da pobreza analítica de Waack quanto ao tratamento das informações nas fontes levantadas, e que em muito compromete o esforço de balizar a atuação da Feb numa perspectiva crítica, o resultado distancia de qualquer possibilidade de compreensão ou mesmo enxergar algum mérito dos brasileiros em combate. Não é um caso isolado de outro livro bem conhecido do autor, "*Camaradas*"⁶, cuja tese vai ao encontro de uma leitura já superada historicamente, que o movimento revolucionário de 1935 foi um movimento articulado em Moscou, e pasme, sem a participação decisória de brasileiros. Se '*Duas Faces*' causa desconforto quanto a tendenciosa interpretação dos fatos, não encontrando receptividade entre os militares; a

³ COSTA, Octavio. Trinta Anos depois da volta. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

⁴ FERRAZ, Francisco César. Os brasileiros e a segunda guerra mundial. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2005; A Guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 - 2000). Londrina: Eduel, 2012; ALVES, Vagner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

⁵ Coleção II Guerra Mundial. 08 Tomos. Bibliex.

⁶ WAACK, William. Camaradas: a história secreta da revolução brasileira. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Bibliex, 1991, 1993.

mesma perspectiva está presente em '*Camaradas*', embora este último encontre especial guarida no Exército, tendo, inclusive, uma segunda edição patrocinada pela Bibliex. Fica no ar a pergunta: por que um livro e também não o outro? A resposta virá em seguida.

Todavia, esse é somente um aspecto do debate. Atualmente, há que considerar outras positivas contribuições, como a recente pesquisa editada em livro de Teresa Isenburg, '*O Brasil na Segunda Guerra Mundial: uma página de Relações Internacionais*'⁷. Apesar do sugestivo enfoque do subtítulo relacionado a uma página de Relações Internacionais, o livro representa múltiplos olhares, bem além do indicado. Sem nunca deixar de ter um olhar crítico, nele há um diálogo sobre o cenário internacional e o nacional; mais também uma leitura que confere a possibilidade de ser lido a partir de abordagens autônomas, seja as operacionais e técnicas militares; ou como não podia de ser, as tensas relações dos brasileiros e americanos; ou mais ainda, uma que nós possibilita através de pistas interessantes advindas de uma documentação inédita, apreender as tensões relacionadas sobre questões ideológicas que permearam a formação da FEB.

Esse último, portanto, é um aspecto pouco valorizado na literatura e seguramente, o livro de Teresa auxilia responder o questionamento anterior, nele, por exemplo, há o resgate de um controverso documento do Ministro da Guerra, Gal. Dutra à Getúlio Vargas. Entre seus rompantes, Dutra chegou a sugerir que Vargas declarasse guerra contra a Inglaterra; e desta feita, alertava o presidente sobre a presença comunista entre as fileiras militares e entidades como a Liga de Defesa Nacional. Presença esta que muito temos que nos orgulhar, afinal, em sua maioria, os comunistas foram voluntários, e não poucos antes tinham amargado prisões em decorrência de sua participação no movimento revolucionário de 1935, atuando com bravura, ao lado dos partigias italianos; bem diferente de vários soldados profissionais, alguns deles primeiros colocados de turma, e que deram jeitinho de escapar à convocação⁸.

O livro de Teresa, portanto, reflete um olhar, além de político e ideológico, mas uma história presente e valorizada na Itália, com muitas vozes. Noutras palavras, sua pesquisa não

⁷ ISENBURG, Teresa. *O Brasil na Segunda Guerra Mundial: uma página das Relações Internacionais*. São Paulo: 22 Editorial, 2015.

⁸ BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942 -1945*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995,p. 190.

reflete somente um olhar de uma pesquisadora italiana, mas sim o resgate e a fala de muitos italianos que vêem a Feb como uma referência de luta contra o fascismo; e que expressam grata lembrança da solidariedade de nossos soldados aos civis; mas igualmente traz nesse diálogo, uma reflexão bem pouco valorizada, para não dizer, escamoteada como demonstra a autora. Talvez um exemplo significativo, refere-se a uma leitura ‘quase oficial’ em algumas memorialísticas, que oculta na presença guerrilheira sua conotação comunista, eles muito ativos na linha de frente e na retaguarda, seja em missões de combate ou apoio. É um olhar que Teresa propicia através de pistas novas sobre a atuação desses combatentes junto aos nossos pracinhas, e que também não são conhecidas, alias, sequer citadas, como se isso fosse diminuir o valor da presença de FEB na Itália.

Sua pesquisa recupera outros fatos pouco (re)conhecidos: cidades e vilas tidas como libertadas por soldados brasileiros ou americanos, já estavam em mãos da guerrilha. Isso não é um aspecto isolado, mas sugere outra abordagem, alias, bem positiva, a de uma cooperação, difícil como ressalta a autora, tensa em muitas ocasiões, mas determinante na vitória contra o inimigo maior, o Nazifascismo. Em seu livro, temos o resgate de relatos de combatentes ainda vivos, cartas, que compõem de forma fascinante a narrativa dessa presença, e mais que tudo, de uma saudosa lembrança que eles os italianos tem dos brasileiros. Ao que tudo indica, os italianos é que parecem mais preocupados que essa memória não se perca no tempo. De qualquer forma, é um fato que precisa ser reconhecido e valorizado sobre a luta dos pracinhas brasileiros na Itália.

A Feb, vale dizer, lutou com bravura, muitas vezes, para utilizar uma expressão popular, talvez sem a devida justiça, quase que aos trancos e barrancos, mas isso não deixa de reconhecido pela autora face as adversidades encontradas, alias, temos que levantar a auto estima e nos orgulhar dessa presença. Mas Teresa não isenta essa participação de críticas, e nem foge a polêmica, resgatando nesta história, aspectos bem constrangedores. A questão do ocultamento dos soldados negros na Feb, é um exemplo, a despeito do Brasil ser uma ‘democracia racial’. Questões logísticas e de formação dos soldados, algo que muitas vezes camuflado ou mal avaliado, são apresentadas com crueza, em sua maioria, decorrentes das falhas de organização e comando.

Vale dizer, nossos pracinhas sempre foram exposto na literatura de forma desabonadora, e qualquer que fosse sua condição sanitária, muitas vezes desprezados nos relatórios médicos; vejo-os por este relato, como foram heróis, heróis sem o devido reconhecimento, como frequentemente acontece com os homens do povo. Na verdade, a despeito da avaliação sobre a condição física e mesmo debilidades de saúde da maioria, e Teresa assim os expõem com dados advindos de várias fontes, a autora não tira deles o brilho em combate, alias, uma palavra dela é bem sintomática quanto aos praças, foram *'resistentes'*. Talvez até possamos complementar, foram bravos; nada distante de Euclides da Cunha nos *'Os Sertões'*, e que bem sinalizou sobre o Nordeste em Canudos, aquele *'que era sobretudo, um forte'*. Foram resistentes os pracinhas, mas sobretudo, fortes.

Por fim, observa-se nas entre linhas de seu livro, que a Feb foi muito mais que uma divisão de combate, mas uma escola de cidadania e política, quiçá de cultura. Canções brasileiras ainda estão na memória de italianos vivos desta época, aprendidas no convívio com os soldados brasileiros. Sem dúvida, ir à guerra foi um desafio; maior o desafio da volta, recepção injusta, como relatado pela autora, com a controversa desmobilização dos pracinhas antes de sua chegada, com reflexos danosos para muitos deles. Mas a Feb vista nesse relato, também teve um papel importante na redemocratização em 1945, em que pese, muitos de seus membros fossem golpistas em 1964. Formados nessa escola de combate, outros febianos dignificaram esta história de luta pela democracia, e democratas por convicção, foram militares coerentes, atuando em defesa da legalidade no período 1945 a 1964; ou depois, na luta pela redemocratização e pela anistia.

Essa, no entanto, é uma face dessa história; alias essas como tantas outras, podem ser vistas e lidas, autonomamente. Seguramente, o livro de Teresa confere a esse conjunto de questões sobre a Feb, um dado novo, mesmo 70 anos depois: temos mais um ponto de partida que de chegada. Descubra nessa leitura o seu ponto de partida, e boa caminhada.

RECEBIDO EM 18-07-2015

APROVADO EM 02-03-2016

